

---

# “NOSSO MAIS VALIOSO RECURSO”: MENSURANDO O IMPACTO DOS PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO ESTADUNIDENSES SOBRE O COMPORTAMENTO INTERNACIONAL DE OUTROS ESTADOS

---

Douglas H. Novelli<sup>1</sup>

## Resumo

O artigo testa a hipótese de que países tendem a apresentar um comportamento internacional mais favorável em relação aos EUA quando seus chefes de Estado tiveram contato prévio com instituições de ensino estadunidenses. Foi feito um levantamento prosopográfico dos chefes de Estado dos países que compõem o Grupo Latino-Americano e Caribenho na Organização das Nações Unidas (GRULAC-ONU), observando especificamente quais destes tiveram contato com instituições de ensino estadunidenses. Para medir o posicionamento em relação aos EUA, foi adotada como variável *proxy* os padrões de votação desses Estados na Assembleia Geral da ONU, comparados aos padrões de votação estadunidenses, recorrendo a base de dados compilada por Voeten, Strezhnev e Bailey (2009). O marco inicial escolhido para a pesquisa foi o fim da Guerra Fria (dezembro de 1991), se estendendo até dezembro de 2017. Por se tratarem de duas variáveis dicotômicas, foi calculado o Coeficiente de Associação de Yule para verificar a força da relação entre elas. Todas as variações do teste retornaram uma associação positiva baixa, flutuando entre 0,108 (analisando todas as votações e considerando contato com universidades estadunidenses ou de outros membros da OTAN) a 0,202 (analisando apenas as votações consideradas importantes pelos EUA e considerando apenas o contato com universidades estadunidenses). Os resultados forneceram evidências que corroboram com a hipótese de que o contato prévio com instituições de ensino estadunidenses por parte de chefes de Estado produz uma postura mais positiva dessas nações em relação aos EUA.

Palavras-Chave: Comportamento internacional; Assembleia Geral da ONU; Socialização de chefes de Estado; Intercambios Educacionais.

## 1. INTRODUÇÃO

Não é nova a ideia de que os intercâmbios acadêmicos em instituições de ensino norte-americanas são um instrumento relevante para ampliar a influência dos Estados Unidos pelo mundo. Sua lógica fundamental gira em torno da ideia de socializar os valores e a cultura norte-americana em jovens que, talvez um dia, farão parte das elites governantes de seus respectivos países. Conforme expresso em um relatório de um grupo educacional norte-americano, “as milhões de pessoas que têm estudado nos Estados Unidos ao longo dos anos constituem um notável reservatório de boa vontade

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Paraná (PRPPG-UFPR). E-mail: douglashnovelli@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6058-5109>.

para o nosso país” (NAFSA, 2003, tradução nossa)<sup>2</sup>; de modo semelhante, Colin Powell (2001, tradução nossa)<sup>3</sup>, então Secretário de Estado dos Estados Unidos, em 2001 declarou que ele não era capaz de pensar em nenhum recurso mais valioso para os EUA do que “a amizade dos futuros líderes mundiais aqui educados”; enquanto Joseph Nye (2004, p. 45, tradução nossa)<sup>4</sup> aponta que intercâmbios acadêmicos e científicos “desempenham um papel significativo em aumentar o *soft power* norte-americano”.

Até certo ponto, essas estratégias vêm sendo comprovadas por pesquisas empíricas, que ao longo dos anos têm consistentemente evidenciado como estudantes de intercâmbio tendem a retornar para seus países de origem com uma visão mais positiva do país no qual estudaram (Richmond, 2003; Selltitz *et al.*, 1963; Wang, 1991; Watson e Lippitt, 1958; Wilson e Bonilla, 1955). Contudo, a produção de resultados políticos a nível internacional, derivados desses intercâmbios, apesar de muito especulada, ainda carece de estudos empíricos que a sustente. A presente pesquisa se volta para essa lacuna, explorando o argumento de que Estados são mais propensos a adotar um comportamento favorável aos interesses estadunidenses quando seus respectivos líderes vivenciaram períodos de socialização em instituições de ensino estadunidenses.

Para tanto, o presente artigo adota uma estrutura de cinco seções em seu desenvolvimento, iniciando com uma breve revisão teórica sobre o conceito de socialização, seguida de uma seção voltada para a apresentação dos argumentos e construção das hipóteses que serão testadas, exposição dos materiais e métodos empregados, apresentação dos resultados e, por fim, a discussão e as considerações finais, nas quais são sugeridos tópicos para uma agenda de pesquisa futura.

## 2. REVISÃO TEÓRICA

Desde o início do século XXI, autores como Alastair Johnston (2001) e Jeffrey Checkel (2005) vêm apontando que o conceito de socialização tem sido particularmente subutilizado no campo das Relações Internacionais, especialmente se comparado às demais ciências humanas, nas quais frequentemente exerce posição de destaque<sup>5</sup>. Do ponto de vista teórico, mesmo se forem

---

<sup>2</sup> “The millions of people who have studied in the United States over the years constitute a remarkable reservoir of goodwill for our country.”

<sup>3</sup> “I can think of no more valuable asset to our country than the friendship of future world leaders who have been educated here.”

<sup>4</sup> “Academic and scientific exchanges played a significant role in enhancing American soft power.”

<sup>5</sup> Exemplos incluem a Sociologia e a Psicologia Social, com teorias sobre formação de identidade social e cumprimento das normas do grupo (Cialdini, 1987; Napier e Gershenfeld, 1987; Nisbett e Cohen, 1996; Turner, 1987); a Ciência

consideradas as vertentes teóricas das RI que lhe dão alguma significância, como o Construtivismo e a Escola Inglesa, em geral o conceito de socialização ainda parece ser subteorizado e ter seus microprocessos majoritariamente ignorados. Já no que toca aos estudos empíricos, o conceito tem sido principalmente empregado por trabalhos voltados a entender como o ambiente internacional pode influenciar positivamente nos processos domésticos de democratização, seja através do papel socializador exercido pelas organizações internacionais sobre as elites políticas domésticas (Bellin, 2012; Dimitrova e Pridham, 2004; Greenhill, 2010; Kelley, 2004; Pevehouse, 2002a; b, 2005); ou através do impacto causado pelo intercâmbio de oficiais estrangeiros em academias militares estadunidenses sobre o desenvolvimento de instituições democráticas em seus países de origem (Atkinson, 2006, 2010; Cope, 1995; Miller, 2006; Ruby e Gibler, 2010).

Conforme apontado por Beyers (2010), socialização diz respeito ao processo pelo qual indivíduos desenvolvem uma ligação com um grupo social e adaptam seu comportamento para se adequar as expectativas advindas do mesmo. Nas palavras de Stryker e Statham (1985, p. 325, tradução nossa)<sup>6</sup>, “socialização é o termo genérico utilizado para designar os processos pelos quais o recém-chegado – seja ele o recém-nascido, o novato ou o estagiário, por exemplo – se incorpora nos padrões organizados de interação”. Sua função básica é criar um senso de pertencimento social, pelo qual os entendimentos intersubjetivos dessa sociedade são internalizados e tomados como fatos (Johnston, 2001). Implica que o agente socializado evolua de uma lógica de consequências para uma lógica de adequação, com suas ações sendo tomadas independentemente de qualquer estrutura de incentivos ou sanções em particular, sendo a aceitação das normas e expectativas socialmente impostas internalizadas como “a coisa certa a ser feita” (Checkel, 2005, p. 804, tradução nossa)<sup>7</sup>.

O mecanismo causal da socialização, tal qual instrumentalizado pelos estudos que tratam da socialização democrática promovida por intercâmbios acadêmicos, envolve a alteração de atitudes em relação a determinado tema ou agente, promovido graças a experiências pessoais em redes políticas criadas e controladas em torno desses temas ou por esses agentes. Assim, um conceito acessório imprescindível ao de socialização é o conceito de atitudes, que podem ser entendidas como “disposições avaliativas” (Cooper, Blackman e Keller, 2016; Freyburg, 2011), que são aprendidas e podem ser alteradas através da comunicação social ou de experiências pessoais diretas, podendo

---

Política, com estudos sobre a formação de orientações políticas entre jovens e explicações para movimentos sociais (Beck e Jennings, 1991); e o Direito Internacional, com pesquisas sobre o papel da condenação social para assegurar o cumprimento de tratados (Chayes e Chayes, 1996; Moravcsik, 1995; Susskind, 1994; Young, 1992).

<sup>6</sup> “*Socialization is the generic term used to refer to the processes by which the newcomer – the infant, rookie, or trainee, for example – becomes incorporated into organized patterns of interaction.*”

<sup>7</sup> “*the right thing to do*”.

envolver tanto componentes afetivos (baseados em emoções) quanto cognitivos (baseados em crenças). Nas palavras de Perloff (2017, p. 89–90, tradução nossa)<sup>8</sup>:

Ter uma atitude significa que você classificou algo e fez um julgamento do seu valor. Significa que você já não é neutro em relação ao tema. Isso não significa que não possa ter sentimentos mistos, mas a sua opinião sobre o assunto já não é neutra ou isenta de cor. [...] Atitudes (e valores) organizam o nosso mundo social. Elas nos permitem categorizar pessoas, lugares e eventos rapidamente e descobrir o que está acontecendo. São como marca páginas, etiquetas para categorizar uma coleção de livros favoritos, ou formas de organizar aplicativos para smartphones. As atitudes moldam as percepções e influenciam os julgamentos. Se você é republicano, provavelmente avalia os líderes políticos republicanos favoravelmente e tem uma reação negativa, ao nível do instinto, a alguns políticos democratas. E vice-versa, se for um democrata. Por outro lado, se odeia a política e desconfia dos políticos, filtra o mundo político através de um conjunto de lentes céticas.

Assim, conforme resumido por Lomer (2017), o argumento central, empregado por trabalhos que analisam o potencial socializador de intercâmbios acadêmicos, gira em torno da concepção de que estudantes internacionais tendem a alterar suas atitudes e se identificar com o país receptor como um resultado de experiências positivas no processo de socialização. O intercâmbio acadêmico em instituições de ensino superior seria particularmente efetivo ao promover a socialização desses estudantes pois, conforme apontam Gift e Krcmaric (2017, p. 5, tradução nossa)<sup>9</sup>, “o ensino superior [...] está entre os meios mais importantes através dos quais os indivíduos desenvolvem crenças políticas”, sendo “o início da idade adulta [...] o período mais formativo da vida de uma pessoa”. Ademais, como apontam autores como Anna Wojciuka, Maciej Michałekb e Marta Stormowskac (2015), atualmente a educação parece ser “um valor universal”, com aspectos como sua qualidade e alcance sendo apreciados independentemente da cultura e do país, ao passo que é individualmente valorizada como condição para a prosperidade econômica – tornando-se assim um veículo ideal para “ganhar corações e mentes” (Nye, 2008). Destarte, tal qual intercâmbios acadêmicos apresentam o potencial para estimular a socialização democrática ao alterar as atitudes dos participantes em relação a democracia graças a promoção de experiências pessoais em redes políticas criadas e controladas

---

<sup>8</sup> “*Having an attitude means that you have categorized something and made a judgment of its net value or worth. It means that you are no longer neutral about the topic. That doesn’t mean you can’t have mixed feelings, but your view on the issue is no longer bland or without color. [...] Attitudes (and values) organize our social world. They allow us to categorize people, places, and events quickly and to figure out what’s going on. They are like notebook dividers, labels to categorize a collection of favorite books, or ways to organize smartphone apps. Attitudes shape perceptions and influence judgments. If you’re a Republican, you probably evaluate Republican political leaders favorably and have a negative, gut-level reaction to some Democratic politicians. And vice versa if you are a Democrat. On the other hand, if you hate politics and distrust politicians, you filter the political world through a skeptical set of lenses.*”

<sup>9</sup> “*Higher education is an especially powerful form of interpersonal contact because it is among the most important ways in which individuals develop political beliefs and because early adulthood is arguably the most formative period of a person’s life*”.

por democracias estabelecidas (Freyburg, 2011), é possível que esse mecanismo também possa gerar nos participantes atitudes positivas duradouras em relação aos Estados receptores, que podem vir a se converter em ganhos políticos para esses Estados caso esses estudantes um dia ocupem posições políticas decisórias em seus países de origem. O presente artigo explora essa ideia, focando especificamente em chefes de Estado que tiveram contato com instituições de ensino norte-americanas.

### 3. CONSTRUÇÃO DE HIPÓTESES TESTÁVEIS

O artigo testa o argumento base de que um Estado é mais propenso a adotar um comportamento internacional favorável aos EUA quando seu atual chefe de Estado teve contato prévio com instituições de ensino estadunidenses. Isto posto, definir parâmetros para o que pode ser considerado um comportamento internacional favorável aos EUA é uma problemática de difícil resolução, tendo em vista a natureza multidimensional das relações internacionais. Contudo, a literatura tem demonstrado que existem fortes evidências de que o governo norte-americano atribui importância real aos resultados das votações na Assembleia geral das Nações Unidas (AGNU), exercendo pressão política sobre seus pares com o objetivo de assegurar resultados que lhe sejam favoráveis (ver: Andersen, Harr e Tarp, 2006; Bennis, 1997; Dreher, Nunnenkamp e Thiele, 2008; Thacker, 1999). Conforme exposto por Bailey, Strezhnev e Voeten (2015, p. 2, tradução nossa)<sup>10</sup>, “as votações na Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) tornaram-se a fonte de dados normalizada para a construção de medidas de preferências estatais, uma vez que são ações comparáveis e observáveis tomadas pelos países em determinados momentos”. Assim, os padrões de votação na AGNU podem ser efetivamente aplicados como uma variável *proxy* para medir o comportamento internacional de outros Estados em relação aos EUA, pois, ainda que não contemplem totalmente a complexidade das relações que podem ser estabelecidas entre estes Estados, esses padrões de voto fornecem sólidos indícios sobre o posicionamento geral de seus atores.

Baseado nesses argumentos, derivamos a primeira hipótese da pesquisa:

---

<sup>10</sup> “Votes in the United Nations General Assembly (UNGA) have become the standard data source for constructing measures of state preferences, as they are comparable and observable actions taken by many countries at set points in time.”

*H<sub>1</sub>: Um Estado é mais propenso a votar junto com EUA na AGNU quando seu chefe de Estado teve contato prévio com instituições de ensino norte-americanas.*

Um fator relevante que precisa ser levado em consideração é a ampla variedade de pautas que se tornam objeto de votações na AGNU. Como apontam Dreher, Nunnenkamp e Thiele (2008), é provável que nem todos os votos sejam de importância para o governo norte-americano, de forma que restringir a análise apenas as votações que abordem pautas importantes pode acabar gerando resultados mais significativos. Embora rotular as votações como importantes ou não seja um processo altamente subjetivo, esse desafio pode ser solucionado ao utilizar a própria categorização empregada pelo Departamento de Estado norte-americano, que desde 1983 indica quais foram as “votações sobre questões que afetaram diretamente interesses importantes dos Estados Unidos e em relação às quais os Estados Unidos fizeram um amplo lobby” (US Public Law 101-246, *apud* United States Department of State, 2018, tradução nossa)<sup>11</sup>. Assim, a segunda hipótese deriva-se de uma variação direta da primeira, limitando a análise exclusivamente aos votos codificados como importantes pelo governo dos EUA.

*H<sub>2</sub>: Um Estado é mais propenso a votar junto com EUA na AGNU, em pautas consideradas importantes pelo governo norte-americano, quando seu chefe de Estado teve contato prévio com instituições de ensino norte-americanas.*

Ao trabalhar com os votos da AGNU, ainda é relevante considerar os padrões históricos de aliança que neles podem ser observados. Ao longo das décadas, pesquisadores tem demonstrado como os Estados do ocidente mantêm um padrão de votos coeso e próximo entre si, sobretudo nos casos nos quais existem alianças formais entre esses atores, como a União Europeia e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (Campbell, 1971; Holloway, 2009; Kim e Russett, 1996; Potrafke, 2009). Assim, é razoável supor a possibilidade de que países governados por chefes de Estado que tenham passado por um período de socialização acadêmica em Estados aliados aos EUA, aqui recortados como os membros da OTAN, também apresentem um padrão de votos mais alinhado aos interesses norte-americanos. Dessa ideia, derivam as hipóteses finais que serão testadas:

---

<sup>11</sup> “votes on issues which directly affected important United States interests and on which the United States lobbied extensively”

*H<sub>3</sub>: Um Estado é mais propenso a votar junto com EUA na AGNU quando seu chefe de Estado teve contato prévio com instituições de ensino norte-americanas, ou de outros membros da OTAN.*

*H<sub>4</sub>: Um Estado é mais propenso a votar junto com EUA na AGNU, em pautas consideradas importantes pelo governo norte-americano, quando seu chefe de Estado teve contato prévio com instituições de ensino norte-americanas, ou de outros membros da OTAN.*

## 4. MATERIAIS E MÉTODOS

### 4.1. MÉTODOS DE COLETA E DESCRIÇÃO DOS DADOS

A pesquisa recorreu a duas bases de dados distintas, derivando suas conclusões a partir da confrontação de ambas.

Em primeiro lugar, para medir o posicionamento de cada um dos Estados analisados em relação aos EUA, foi adotada, como variável *proxy*, os padrões de votação desses Estados na Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU), comparados aos padrões de votação estadunidenses. Para tanto, foi utilizada a base de dados já compilada por Bailey, Strezhnev e Voeten (2009), como parte do projeto *Harvard Dataverse*<sup>12</sup>.

De início, foi necessário aplicar dois recortes, um com relação aos Estados que seriam observados e outro com relação ao recorte temporal que seria considerado pela pesquisa. No que toca ao primeiro recorte, foi feita a opção pelos Estados que compõem o Grupo Latino-Americano e Caribenho na Organização das Nações Unidas (GRULAC-ONU)<sup>13</sup>, escolha que se deu tendo em vista a proximidade geográfica com os Estados Unidos. Ao menos em teoria, essa proximidade amplia as chances de localizar políticos que tenham tido contato prévio com instituições de ensino norte-americanas antes de assumirem os cargos de chefe de Estado em seus respectivos países, possibilitando assim que a análise seja feita com base em um número razoável de notações heterogêneas. Já no que toca ao recorte temporal da pesquisa, optou-se por iniciar a análise imediatamente após o fim da Guerra Fria, em dezembro de 1991, se estendendo até o ponto no qual os dados haviam sido compilados, em dezembro de 2017.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7910/DVN/LEJUQZ>>.

<sup>13</sup> Os Estados membros do GRULAC são: Antígua e Barbuda, Argentina, Bahamas, Barbados, Belize, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Dominica, Republica Dominicana, Equador, El Salvador, Granada, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Santa Lúcia, São Cristóvão e Nevis, São Vicente e Granadinas, Suriname, Trinidad e Tobago, Uruguai e Venezuela.

Ao todo, existem quatro possibilidades de voto que os Estados podem tomar em cada votação: sim; não; abstenção; e ausência. Seguindo o padrão utilizado por autores como Kegley e Hook (1991)<sup>14</sup>, foram descartadas ocorrências nas quais os EUA, ou o Estado ao qual sua votação era comparada, se abstiveram ou estavam ausentes. Do mesmo modo, seguindo Dreher e Sturm (2006), foram excluídos os casos de votação por consenso, nos quais todos os Estados analisados votaram da mesma forma. Os votos dos EUA foram então individualmente comparados com aqueles feitos pelos Estados do GRULAC, notando como 1 os votos iguais (entre os EUA e determinado Estado em dada votação) e 0 para os votos destoantes. Seguindo essas regras de recorte e tratamento, foram totalizadas 32.461 notações individuais ao longo de todo o *corpus*, coletadas em 1.180 votações.

Por sua vez, a segunda base de dados foi compilada especificamente para a execução da presente pesquisa. A base em questão foi desenvolvida através de um levantamento prosopográfico dos chefes de Estado que estiveram à frente dos países que compõem o GRULAC no período analisado, observando especificamente quais destes tiveram contato com instituições de ensino superior ou militares estadunidenses, seja na qualidade de discentes ou como docentes. Ao todo, foram coletados dados de 189 políticos, dos quais 62 (32,8%) haviam tido contato com instituições de ensino norte-americanas e 39 (20,6%) haviam tido contato com instituições de ensino de outros Estados membros da OTAN<sup>15</sup>.

## 4.2. MÉTODOS DE ANÁLISE

Por se tratarem de duas variáveis dicotômicas, foi calculado o Coeficiente de Associação de Yule ( $Q_{xy}$ ) para verificar a força da relação entre elas. Conforme exposto por Cervi (2019, p. 36), “o teste de independência  $Q_{xy}$  serve para identificar se: i) duas variáveis dicotômicas estão relacionadas entre si; ii) de quanto é a intensidade da relação; e, iii) se os resultados podem ser usados em generalizações para toda a população quando se está testando a associação em amostras”. Ainda de acordo com o autor, o coeficiente de associação  $Q_{xy}$  apresenta dois postulados base: (1) deve ser igual a zero quando as variáveis X e Y forem independentes; e (2) deve ser de, no máximo, +1,00 no caso de associações positivas e de -1,00 no caso de associações negativas (Cervi, 2019, p. 40).

A fórmula para a aplicação do Q de Yule é a seguinte (Yule e Kendall, 1937):

---

<sup>14</sup> Ver também: Sexton e Decker (1992); Barro e Lee (2005).

<sup>15</sup> Os dados completos estão disponíveis no Apêndice 1.

$$Q_{xy} = \frac{(B \times C) - (A \times D)}{(B \times C) + (A \times D)}$$

Onde, em uma tabela quádrupla usada para representar as possíveis combinações existentes entre as duas variáveis dicotômicas, temos:

TABELA 1 – INTERVALOS DE VALORES PARA COEFICIENTE  $Q_{xy}$

	<i>Não-Y</i>	<i>Y</i>	<i>Total</i>
<i>X</i>	A	B	Marginal X
<i>Não-X</i>	C	D	Marginal Não-Y
<i>Total</i>	Marginal Não-Y	Marginal Y	Total de Casos (N)

FONTE: Cervi (2019).

Partindo ainda dos postulados básicos do Coeficiente de Yule, Davis (1976) sugere a forma adequada de interpretar os valores de  $Q_{xy}$ , organizados por grau de intensidade conforme exposto na Tabela 2.

TABELA 2 – INTERVALOS DE VALORES PARA COEFICIENTE  $Q_{xy}$

<i>Valor de <math>Q_{xy}</math></i>	<i>Leitura</i>
+0,7 ou mais	Associação positiva muito forte;
+0,5 a +0,69	Associação positiva forte;
+0,3 a +0,49	Associação positiva moderada;
+0,1 a +0,29	Associação positiva baixa;
+0,01 a +0,09	Associação positiva desprezível;
0	Associação inexistente;
-0,01 a -0,09	Associação negativa desprezível;
-0,1 a -0,29	Associação negativa baixa;
-0,3 a -0,49	Associação negativa moderada;
-0,5 a -0,69	Associação negativa forte; e
-0,7 ou mais	Associação negativa muito forte.

FONTE: Davis (1976, p. 70).

Apresentado o método de análise que foi empregado, passa-se agora para a apresentação dos resultados básicos, onde foi calculado o Coeficiente de Associação de Yule para cada uma das quatro hipóteses testadas.

## 5. RESULTADOS

Considerando que o presente artigo busca verificar a validade de quatro hipóteses distintas, foi feita a opção metodológica de testar cada uma dessas hipóteses individualmente<sup>16</sup>, buscando o Coeficiente de Associação de Yule referente a cada uma delas. Assim, sendo a primeira hipótese

*H<sub>1</sub>: Um Estado é mais propenso a votar junto com EUA na AGNU quando seu chefe de Estado teve contato prévio com instituições de ensino norte-americanas.*

Temos:

TABELA 3 – TABELA QUÁDRUPLA PARA A HIPÓTESE 1

	Não-Y	Y	Total
X	1.108	750	1.858 (5,72%)
Não-X	20.995	9.608	30.603 (94,28%)
Total	22.103 (68,09%)	10.358 (31,91%)	32.461

FONTE: Dados da pesquisa.

Onde:

*X = Votou com os EUA em determinada votação; e*

*Y = O chefe de Estado daquele país, durante aquela votação, havia tido contato prévio com instituições de ensino norte-americanas.*

Aplicando a fórmula do  $Q_{xy}$ :

$$Q_{xy} = \frac{(B \times C) - (A \times D)}{(B \times C) + (A \times D)} = \frac{(750 \times 20.995) - (1.108 \times 9.608)}{(750 \times 20.995) + (1.108 \times 9.608)} = \frac{5.100.586}{26.391.914} = +0,193$$

Aplicando o mesmo teste nas demais hipóteses levantadas pela pesquisa, os resultados foram os seguintes:

*H<sub>2</sub>: Um Estado é mais propenso a votar junto com EUA na AGNU, em pautas consideradas importantes pelo governo norte-americano, quando seu chefe de Estado teve contato prévio com instituições de ensino norte-americanas.*

<sup>16</sup> Em todas as hipóteses o valor-p retornou resultados inferiores a 0,001.

TABELA 4 – TABELA QUÁDRUPLA PARA A HIPÓTESE 2

	Não-Y	Y	Total
X	782	510	1.292 (24,78%)
Não-X	2.736	1.185	3.921 (75,22%)
Total	3.518 (67,49%)	1.695 (32,51%)	5.213

FONTE: Dados da pesquisa.

Onde:

*X = Votou com os EUA em determinada votação indicada como importante pelo governo norte-americano; e*

*Y = O chefe de Estado daquele país, durante aquela votação, havia tido contato prévio com instituições de ensino norte-americanas.*

$$Q_{xy} = \frac{(B \times C) - (A \times D)}{(B \times C) + (A \times D)} = \frac{(510 \times 2.736) - (782 \times 1.185)}{(510 \times 2.736) + (782 \times 1.185)} = \frac{468.690}{2.322.030} = +0,202$$

*H<sub>3</sub>: Um Estado é mais propenso a votar junto com EUA na AGNU quando seu chefe de Estado teve contato prévio com instituições de ensino norte-americanas, ou de outros membros da OTAN.*

TABELA 5 – TABELA QUÁDRUPLA PARA A HIPÓTESE 3

	Não-Y	Y	Total
X	751	1.107	1.858 (5,72%)
Não-X	13.992	16.611	30.603 (94,28%)
Total	14.743 (45,42%)	17.718 (54,58%)	32.461

FONTE: Dados da pesquisa.

Onde:

*X = Votou com os EUA em determinada votação;*

*Y = O chefe de Estado daquele país, durante aquela votação, havia tido contato prévio com instituições de ensino norte-americanas ou de outros membros da OTAN.*

$$Q_{xy} = \frac{(B \times C) - (A \times D)}{(B \times C) + (A \times D)} = \frac{(1.107 \times 13.992) - (751 \times 16.611)}{(1.107 \times 13.992) + (751 \times 16.611)} = \frac{3.014.283}{27.964.005} = +0,108$$

*H<sub>4</sub>: Um Estado é mais propenso a votar junto com EUA na AGNU, em pautas consideradas importantes pelo governo norte-americano, quando seu chefe de Estado teve contato prévio com instituições de ensino norte-americanas, ou de outros membros da OTAN.*

TABELA 6 – TABELA QUÁDRUPLA PARA A HIPÓTESE 4

	Não-Y	Y	Total
X	535	757	1.292 (24,78%)
Não-X	1.835	2.086	3.921 (75,22%)
Total	2.370 (45,46%)	2.843 (54,54%)	5.213

FONTE: Dados da pesquisa.

Onde:

*X = Votou com os EUA em determinada votação indicada como importante pelo governo norte-americano;*

*Y = O chefe de Estado daquele país, durante aquela votação, havia tido contato prévio com instituições de ensino norte-americanas ou de outros membros da OTAN.*

$$Q_{xy} = \frac{(B \times C) - (A \times D)}{(B \times C) + (A \times D)} = \frac{(757 \times 1.835) - (535 \times 2.086)}{(757 \times 1.835) + (535 \times 2.086)} = \frac{273.085}{2.505.105} = +0,109$$

## 6. DISCUSSÃO

Retomando os postulados de Davis (1976) sobre a interpretação adequada para os valores de  $Q_{xy}$ , temos que todas as variações do teste retornaram resultados flutuando entre +0,108 e +0,202, caindo dentro do intervalo considerado pelo autor como “associações positivas baixas”. A Tabela 7 resume os resultados do  $Q_{xy}$  em todas as hipóteses testadas, diferenciando-as com base nas alterações das variáveis X e Y.

TABELA 7 – RESUMO DOS COEFICIENTES  $Q_{xy}$  NAS HIPÓTESES TESTADAS

	Votou com os EUA em determinada votação	Votou com os EUA em determinada votação importante
Teve contato com instituições de ensino estadunidenses	+0,193 (H <sub>1</sub> )	+0,202 (H <sub>2</sub> )
Teve contato com instituições de ensino estadunidenses ou de outros membros da OTAN	+0,108 (H <sub>3</sub> )	+0,109 (H <sub>4</sub> )

FONTE: Dados da pesquisa.

A alteração na variável X, presente nas hipóteses 2 e 4, que considera apenas as votações indicadas como importantes pelo governo estadunidense, representou um aumento no coeficiente de associação de Yule se comparado às suas contrapartes nas hipóteses 1 e 3, que consideram as votações em sua totalidade. Tal aumento, contudo, foi marginal (de +0,193 para +0,202; e de +0,108 para +0,109), estando de acordo com estudos produzidos por outros autores que há anos indicam que o recorte exclusivo sobre as votações consideradas importantes pelos EUA não produz alterações significativas nos resultados das pesquisas (Kegley Jr. e McGowan, 1981; Wittkopf, 1973).

Por outro lado, ao alterar a variável Y, considerando também os chefes de Estado que tiveram contato com instituições de ensino de Estados aliados dos EUA (aqui recortados com base nos Estados membros da OTAN), os coeficientes  $Q_{xy}$  sofreram uma queda digna de nota (de +0,193 para +0,108; e de +0,202 para +0,109), o que vai na direção de invalidar o argumento de que a socialização em Estados aliados também produziria resultados positivos para os EUA, reforçando a ideia de que a teoria pode ter algum fundamento, mas exclusivamente quando consideramos o contato com instituições estadunidenses.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados forneceram evidências que corroboram com a hipótese de que o contato prévio com instituições de ensino norte-americanas por parte de chefes de Estado produz uma postura mais positiva dessas nações em relação aos EUA. Apesar do impacto ser baixo, é relevante notar que o mesmo é produzido por políticas que custam relativamente muito pouco aos cofres públicos norte-americanos, apresentando uma excelente relação custo-benefício se comparada a outras políticas destinadas a ampliar a influência internacional dos EUA, como ajuda financeira internacional e gastos na indústria militar. Naturalmente, esses resultados são apenas o primeiro passo para verificar se a teoria se sustenta e mensurar os impactos reais que programas de intercâmbio destinados a futuros líderes exercem sobre o comportamento internacional dos Estados.

Alguns dos principais desafios encontrados no presente artigo dizem respeito às próprias limitações do desenho de pesquisa empregado. Apesar de apresentar a vantagem de ser estatisticamente testável em grande escala – razão pela qual este desenho de pesquisa foi escolhido –, este cai nos mesmos impasses já notados em pesquisas semelhantes, notavelmente: não ser capaz de mensurar a profundidade e extensão das interações sociais entre os estudantes e a população local

(Atkinson, 2010); desconsiderar fatores como se o aluno recebeu uma bolsa ou pagou seus próprios estudos, além da possibilidade de ter tido experiências desapontadoras ou mesmo solitárias (Lomer, 2017); e não ser capaz de fatorar as chances da exposição prolongada a cultura e sociedade norte-americanas acabarem por destacar os aspectos negativos das mesmas, produzindo uma duradoura animosidade em relação ao país (Freyburg, 2015).

Em termos objetivos, os resultados apresentados comprovam que os Estados-membros do GRULAC, no período entre o fim da Guerra Fria e dezembro de 2017, foram mais propensos a votar junto com os EUA na AGNU quando governados por um chefe de Estado que havia tido contato com instituições de ensino norte-americanas no passado. Apesar da generalização ser especulável em termos teóricos, esses resultados carecem de confirmação para quaisquer casos que fujam ao que foi empiricamente testado. Assim, uma agenda de pesquisa futura nesse tema deve envolver a expansão do teste aqui executado, verificando sua validade em Estados que não fazem parte da região da América Latina e Caribe, além de procurar incluir as variáveis aqui apresentadas em modelos estatísticos mais completos voltados a entender os padrões de votação dos Estados na AGNU.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, T. B.; HARR, T.; TARP, F. On US politics and IMF lending. **European Economic Review**, v. 50, n. 7, p. 1843–1862, 2006.
- ATKINSON, C. Constructivist Implications of Material Power: Military Engagement and the Socialization of States 1972–2000. **International Studies Quarterly**, v. 50, p. 509–537, 2006.
- \_\_\_\_\_. Does Soft Power Matter? A Comparative Analysis of Student Exchange Programs 1980-2006. **Foreign Policy Analysis**, v. 6, n. 1, p. 1–22, 2010.
- BAILEY, M. A.; STREZHNEV, A.; VOETEN, E. United Nations General Assembly Voting Data. **Harvard Database**, v. 18, 2009.
- \_\_\_\_\_. Estimating Dynamic State Preferences from United Nations Voting Data. p. 1–27, 2015.
- BARRO, R. J.; LEE, J.-W. IMF-Programs: who is chosen and what are the effects? **Journal of Monetary Economics**, n. 52, p. 1245–1269, 2005.
- BECK, P. A.; JENNINGS, M. K. Family Traditions, Political Periods, and the Development of Partisan Orientations. **Journal of Politics**, v. 53, p. 742–763, 1991.
- BELLIN, E. Reconsidering the Robustness of Authoritarianism in the Middle East. **Comparative Politics**, v. 44, n. 2, p. 127–149, 2012.
- BENNIS, P. The United Nations and Palestine: partition and its aftermath—UN stance on Palestine’s displacement by creation of Israel. **Arab Studies Quarterly**, v. 19, n. 3, p. 47–77, 1997.
- BEYERS, J. Conceptual and methodological challenges in the study of European socialization. **Journal of European Public Policy**, v. 17, n. 6, p. 909–920, 2010.
- CAMPBELL, A. K. UN Voting and Alliance Cohesion. **Millennium: Journal of International Studies**, v. 1, n. 2, p. 4–16, 1971.
- CERVI, E. U. **Manual de Métodos Quantitativos para iniciantes em Ciência Política - Volume 2**. Curitiba: CPOP, 2019.
- CHAYES, A.; CHAYES, A. H. **The New Sovereignty: Compliance with International Regulatory Agreements**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.
- CHECKEL, J. T. International institutions and socialization in Europe: Introduction and framework. **International Organization**, v. 59, n. 4, p. 801–826, 2005.
- CIALDINI, R. Compliance Principles of Compliance Professionals: Psychologists of Necessity. *In*: ZANNA, M. P.; OLSON, J. M.; HERMAN, C. P. (Eds.). **Social Influence: The Ontario Symposium**, vol. 5. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1987. p. 165–184.
- COOPER, J.; BLACKMAN, S. F.; KELLER, K. T. **The science of attitudes**. New York: Routledge,

2016.

COPE, J. A. **International Military Education and Training: An Assessment**. Washington, DC: National Defense University, Institute for National Strategic Studies, 1995.

DAVIS, J. A. **Levantamento de Dados em Sociologia: uma análise estatística elementar**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

DIMITROVA, A.; PRIDHAM, G. International actors and democracy promotion in central and eastern Europe: the integration model and its limits. **Democratization**, v. 11, n. 5, p. 91–112, 2004.

DREHER, A.; NUNNENKAMP, P.; THIELE, R. Does US aid buy UN general assembly votes? A disaggregated analysis. **Public Choice**, v. 136, n. 1–2, p. 139–164, 2008.

DREHER, A.; STURM, J. E. Do IMF and World Bank Influence Voting in the UN General Assembly? Thurgau Institute of Economics. **Foreign Affairs**, December 2004, p. 1–40, 2006.

FREYBURG, T. Transgovernmental networks as catalysts for democratic change? EU functional cooperation with arab authoritarian regimes and socialization of involved state officials into democratic governance. **Democratization**, v. 18, n. 4, p. 1001–1025, 2011.

\_\_\_\_\_. Transgovernmental Networks as an Apprenticeship in Democracy? Socialization into Democratic Governance through Cross-national Activities. **International Studies Quarterly**, v. 59, n. 1, p. 59–72, 2015.

GIFT, T.; KRČMARIC, D. Who Democratizes? Western-educated Leaders and Regime Transitions. **Journal of Conflict Resolution**, v. 61, n. 3, p. 671–701, 2017.

GREENHILL, B. The Company You Keep: International Socialization and the Diffusion of Human Rights Norms. **International Studies Quarterly**, v. 54, p. 127–145, 2010.

HOLLOWAY, S. Forty Years of United Nations General Assembly Voting. **Canadian Journal of Political Science**, v. 23, n. 02, p. 279, 2009.

JOHNSTON, A. I. Treating international institutions as social environments. **International Studies Quarterly**, v. 45, n. 4, p. 487–515, 2001.

KEGLEY JR., C. W.; HOOK, S. J. U.S. foreign aid and U.N. voting: did Reagan's linkage strategy buy defence or defiance? **International Studies Quarterly**, n. 35, p. 295–312, 1991.

KEGLEY JR., C. W.; MCGOWAN, P. J. **The Political Economy of Foreign Policy**. Beverly Hills: SAGE Publications, 1981.

KELLEY, J. International Actors on the Domestic Scene: Membership Conditionality and Socialization by International Institutions. **International Organization**, v. 58, n. 3, p. 425–457, 2004.

KIM, S. Y.; RUSSETT, B. The new politics of voting alignments in the United Nations General Assembly. **International Organization**, v. 50, n. 04, p. 629, 1996.

LOMER, S. Soft power as a policy rationale for international education in the UK: a critical analysis.

**Higher Education**, v. 74, n. 4, p. 581–598, 2017.

MILLER, A. H. Promoting Democratic Values in Transitional Societies through Foreign Aid. **Midwest Political Science Association Annual Meeting**. Chicago: 2006

MORAVCSIK, A. Explaining International Human Rights Regimes: Liberal Theory and Western Europe. **European Journal of International Relations**, v. 1, p. 157–190, 1995.

NAFSA. **In America's Interest: Welcoming International Students**, 2003. Disponível em: <[https://www.nafsa.org/sites/default/files/ektron/uploadedFiles/NAFSA\\_Home/Resource\\_Library\\_Assets/Public\\_Policy/in\\_america\\_s\\_interest.pdf](https://www.nafsa.org/sites/default/files/ektron/uploadedFiles/NAFSA_Home/Resource_Library_Assets/Public_Policy/in_america_s_interest.pdf)>. Acesso em: 4 mar. 2020.

NAPIER, R. W.; GERSHENFELD, M. K. **Groups: Theory and Experience**. 4th Ed. ed. Boston: Houghton Mifflin, 1987.

NISBETT, R. E.; COHEN, D. **Culture of Honor: The Psychology of Violence in the South**. Boulder: Westview Press, 1996.

NYE, J. S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Cambridge: Public Affairs, 2004.

\_\_\_\_\_. Public diplomacy and soft power. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 616, n. 1, p. 94–109, 2008.

PERLOFF, R. M. **The Dynamics of Persuasion - Communication and Attitudes in the 21st Century**. 6th Edition ed. New York: Routledge, 2017.

PEVEHOUSE, J. C. Democracy from the Outside-In? International Organizations and Democratization. **International Organization**, v. 56, n. 3, p. 515–549, 2002a.

\_\_\_\_\_. With a Little Help from My Friends? Regional Organizations and the Consolidation of Democracy. **American Journal of Political Science**, v. 46, n. 3, p. 611–626, 2002b.

\_\_\_\_\_. **Democracy from Above - Regional Organizations and Democratization**. New York: Cambridge University Press, 2005.

POTRAFKE, N. Does government ideology influence political alignment with the U.S.? An empirical analysis of voting in the UN General Assembly. **Review of International Organizations**, v. 4, p. 245–268, 2009.

POWELL, C. L. **Statement on International Education Week 2001**, 2001. Disponível em: <<https://2001-2009.state.gov/secretary/former/powell/remarks/2001/4462.htm>>. Acesso em: 4 mar. 2020.

RICHMOND, Y. **Cultural Exchange and the Cold War: Raising the Iron Curtain**. University Park: Pennsylvania State University Press, 2003.

RUBY, T. Z.; GIBLER, D. US professional military education and democratization abroad. **European Journal of International Relations**, v. 16, n. 3, p. 339–364, 2010.

SELLTIZ, C. *et al.* **Attitudes and Social Relations of Foreign Students in the United States**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1963.

SEXTON, E. A.; DECKER, T. N. U.S. foreign aid: is it for friends, development or politics. **The Journal of Social, Political and Economic Studies**, n. 17, p. 303–315, 1992.

STRYKER, S.; STATHAM, A. Symbolic Interaction and Role Theory. *In*: LINDZEY, G.; ARONSON, E. (Eds.). **The Handbook of Social Psychology**. New York: Random House, 1985. p. 311–378.

SUSSKIND, L. **Environmental Diplomacy: Negotiating More Effective Global Agreements**. London: Oxford University Press, 1994.

THACKER, S. C. The high politics of IMF lending. **World Politics**, n. 52, p. 38–75, 1999.

TURNER, J. C. **Rediscovering the Social Group**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. **Voting Practices in the United Nations 2017 - Report to Congress Submitted Pursuant to Public Laws 101-246 and 108-447**. Disponível em: <<https://www.state.gov/wp-content/uploads/2019/05/Voting-Practices-in-the-United-Nations-2017.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

WANG, X.-L. Cultural Mediators or Marginal Persons? **Geographical Review**, v. 81, p. 292–303, 1991.

WATSON, J.; LIPPITT, R. Cross-Cultural Experience as a Source of Attitude Change. **Journal of Conflict Resolution**, v. 2, p. 61–66, 1958.

WILSON, E. C.; BONILLA, F. Evaluating Exchange of Persons Programs. **The Public Opinion Quarterly**, v. 19, n. 20–30, 1955.

WITTKOPF, E. R. Foreign Aid and United Nations Votes: A Comparative Study. **American Political Science Review**, v. 67, n. 03, p. 868–888, 1973.

WOJCIUK, A.; MICHAŁEK, M.; STORMOWSKA, M. Education as a source and tool of soft power in international relations. **European Political Science**, v. 14, n. 3, p. 298–317, 2015.

YOUNG, O. The Effectiveness of International Institutions: Hard Cases and Critical Variables. *In*: ROSENAU, J. N.; CZEMPIEL, E. O. (Eds.). **Governance Without Government: Order and Change in World Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 160–194.

YULE, G. U.; KENDALL, M. G. **An introduction to the theory of statistics**. London: Charles Griffin, 1937.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – DADOS PROSOPOGÁFICOS DOS CHEFES DE ESTADO DOS PAÍSES MEMBROS DO GRULAC (1991-2017)<sup>17</sup>

<i>Chefe de Estado</i>	<i>Período do mandato</i>		<i>Instituição de ensino</i>	<i>País</i>
<i>Antigua and Barbuda (Parlamentarismo)</i>				
Gaston Browne	13/06/2014	-	University of Salamanca	Espanha
Baldwin Spencer	24/08/2004	13/06/2014	Ruskin College	Reino Unido
Lester Bird	09/03/1994	24/08/2004	University of Michigan	EUA
Vere Bird	01/11/1981	09/03/1994	-	-
<i>Argentina (Presidencialismo)</i>				
Mauricio Macri	10/12/2015	10/12/2019	Columbia University	EUA
Cristina Fernández de Kirchner	10/12/2007	09/12/2015	National University of La Plata	Argentina
Néstor Kirchner	25/05/2003	10/12/2007	National University of La Plata	Argentina
Eduardo Duhalde	02/01/2002	25/05/2003	University of Buenos Aires	Argentina
Adolfo Rodríguez Saá	23/12/2001	30/12/2001	University of Buenos Aires	Argentina
Fernando de la Rúa	10/12/1999	21/12/2001	National University of Córdoba	Argentina
Carlos Menem	08/07/1989	10/12/1999	National University of Córdoba	Argentina
<i>Bahamas (Parlamentarismo)</i>				
Hubert Minnis	11/05/2017	-	University of Minnesota	EUA
Perry Christie	08/05/2012	10/05/2017	University of Birmingham	Reino Unido
Hubert Ingraham	04/05/2007	08/05/2012	Government High School Institute	Bahamas
Perry Christie	03/05/2002	04/05/2007	University of Birmingham	Reino Unido
Hubert Ingraham	21/08/1992	03/05/2002	Government High School Institute	Bahamas
<i>Barbados (Parlamentarismo)</i>				
Freundel Stuart	23/10/2010	25/05/2018	University of the West Indies at Cave Hill	Barbados
David Thompson	16/01/2008	23/10/2010	Combermere School	Barbados
Owen Seymour Arthur	06/09/1994	15/01/2008	University of the West Indies at Cave Hill	Barbados
Erskine Sandiford	01/06/1987	06/09/1994	University of the West Indies	Jamaica
<i>Belize (Parlamentarismo)</i>				
Dean Oliver Barrow	08/02/2008	-	University of Miami	EUA
Said Wilbert Musa	28/08/1998	08/02/2008	University of Manchester	Reino Unido
Manuel Esquivel	03/07/1993	28/08/1998	Loyola University New Orleans	EUA
George Cadle Price	07/09/1989	03/07/1998	Augustine's Minor Seminary in Mississippi	EUA
<i>Bolivia (Presidencialismo)</i>				
Evo Morales	22/01/2006	10/11/2019	-	-
Eduardo Rodríguez Veltzé	09/06/2005	22/01/2006	Harvard University	EUA
Carlos Mesa	17/10/2003	09/06/2005	Complutense University of Madrid	Espanha
Gonzalo Sánchez de Lozada	06/08/2002	17/10/2003	University of Chicago	EUA

<sup>17</sup> Nos casos em que um chefe de Estado tenha frequentado mais de uma instituição de ensino superior ou militar no mesmo país, apenas a instituição no qual se graduou foi considerada. Nos casos em quem chefe de Estado tenha frequentado mais de uma instituição, sendo uma delas nos EUA ou de outros Estados da OTAN, foi considerada apenas a instituição de ensino frequentada nestes Estados, dando primazia as instituições de ensino dos EUA.

Jorge Quiroga	07/08/2001	06/08/2002	Texas A&M University	EUA
Hugo Banzer	06/08/1997	06/08/2001	US Army School of the Americas	EUA
Gonzalo Sánchez de Lozada	06/08/1993	06/08/1997	University of Chicago	EUA
Jaime Paz Zamora	06/08/1989	06/08/1993	Universidade Católica de Lovaina	Bélgica
<i>Brasil (Presidencialismo)</i>				
Michel Temer	12/05/2016	31/12/2018	USP	Brasil
Dilma Rousseff	01/01/2011	12/05/2016	UFMG	Brasil
Luiz Inácio Lula da Silva	01/01/2003	31/12/2010	-	-
Fernando Henrique Cardoso	01/01/1995	31/12/2002	University of California (professor)	EUA
Itamar Franco	02/10/1992	31/12/1994	UFJF	Brasil
Fernando Collor de Mello	15/03/1990	02/10/1992	UNB	Brasil
<i>Chile (Presidencialismo)</i>				
Michelle Bachelet	11/03/2014	11/03/2018	Humboldt University of Berlin	Alemanha
Sebastián Piñera	11/03/2010	11/03/2014	Harvard University	EUA
Michelle Bachelet	11/03/2006	11/03/2010	Humboldt University of Berlin	Alemanha
Ricardo Lagos	11/03/2000	11/03/2006	Duke University	EUA
Eduardo Frei Ruiz-Tagle	11/03/1994	11/03/2000	University of Chile	Chile
Patricio Aylwin	11/03/1990	11/03/1994	University of Chile	Chile
<i>Colombia (Presidencialismo)</i>				
Juan Manuel Santos	07/08/2010	07/08/2018	University of Kansas	EUA
Álvaro Uribe	07/08/2002	07/08/2010	University of Oxford	Reino Unido
Andrés Pastrana Arango	07/08/1998	07/08/2002	Harvard University	EUA
Ernesto Samper Pizano	07/08/1994	07/08/1998	Columbia University	EUA
César Gaviria	07/08/1990	07/08/1994	University of the Andes	Colombia
<i>Costa Rica (Presidencialismo)</i>				
Luis Guillermo Solís	08/05/2014	08/05/2018	Tulane University	EUA
Laura Chinchilla	08/05/2010	08/05/2014	Georgetown University	EUA
Óscar Arias	08/05/2006	08/05/2010	Boston University	EUA
Abel Pacheco de La Espriella	08/05/2002	08/05/2006	Louisiana State University	EUA
Miguel Ángel Rodríguez	08/05/1998	08/05/2002	University of California, Berkeley	EUA
José María Figueres Olsen	08/05/1994	08/05/1998	United States Military Academy	EUA
Rafael Ángel Calderón Fournier	08/05/1990	08/05/1994	University of Costa Rica.	Costa Rica
<i>Cuba (Rep. Socialista de partido único)</i>				
Raúl Castro	19/04/2011	-	University of Havana	Cuba
Fidel Castro	03/10/1965	19/04/2011	University of Havana	Cuba
<i>Dominica (Parlamentarismo)</i>				
Roosevelt Skerrit	08/01/2004	-	New Mexico State University	EUA
Pierre Charles	03/10/2000	06/01/2004	St. Mary's Academy	Dominica
Roosevelt Bernard Douglas	03/02/2000	01/10/2000	Ontario Agricultural College	Canada
Edison Chenfil James	14/06/1995	03/02/2000	University of East London	Reino Unido
Eugenia Charles	21/07/1980	14/06/1995	London School of Economics	Reino Unido
<i>Rep. Dominicana (Presidencialismo)</i>				
Danilo Medina	16/08/2012	-	Santo Domingo Institute of Technology	Rep. Dominicana
Leonel Fernández	16/08/2004	16/08/2012	Autonomous University of Santo Domingo	Rep. Dominicana

Hipólito Mejía	16/08/2000	16/08/2004	North Carolina State University	EUA
Leonel Fernández	16/08/1996	16/08/2000	Autonomous University of Santo Domingo	Rep. Dominicana
Joaquín Balaguer	16/08/1986	16/08/1996	University of Paris	France
<i>Equador (Presidencialismo)</i>				
Lenín Moreno	24/05/2017	-	Central University of Ecuador	Equador
Rafael Correa	15/01/2007	24/05/2017	University of Illinois	EUA
Alfredo Palacio	20/04/2005	15/01/2007	Case Western Reserve University	EUA
Lucio Gutiérrez	15/01/2003	20/04/2005	Escuela Politécnica del Ejército	Equador
Gustavo Noboa	22/01/2000	15/01/2003	University of Guayaquil	Equador
Jamil Mahuad	10/08/1998	21/01/2000	Harvard University	EUA
Fabián Alarcón	11/02/1997	10/08/1998	Pontificia Universidad Católica del Ecuador	Equador
Abdalá Bucaram	10/08/1996	06/02/1997	University of Guayaquil	Equador
Sixto Durán-Ballén	10/08/1992	10/08/1996	Columbia University	EUA
<i>El Salvador (Presidencialismo)</i>				
Salvador Sánchez Cerén	01/06/2014	01/06/2019	Escuela Alberto Masferrer	El Salvador
Mauricio Funes	01/06/2009	01/06/2014	Central American University	El Salvador
Elías Antonio Saca González	01/06/2004	01/06/2009	Central American University	El Salvador
Francisco Flores Pérez	01/06/1999	01/06/2004	Amherst College	EUA
Armando Calderón Sol	01/06/1994	01/06/1999	Universidad Nacional de El Salvador	El Salvador
Alfredo Cristiani	01/06/1989	01/06/1994	Georgetown University	EUA
<i>Granada (Parlamentarismo)</i>				
Keith Mitchell	20/02/2013	-	Howard University	EUA
Tillman Thomas	09/07/2008	20/02/2013	Fordham University	EUA
Keith Mitchell	22/06/1995	09/07/2008	Howard University	EUA
George Ignatius Brizan	01/02/1995	22/06/1995	University of Calgary	Canada
Nicholas Brathwaite	16/03/1990	01/02/1995	-	-
<i>Guatemala (Presidencialismo)</i>				
Jimmy Morales	14/01/2016	-	Universidad de San Carlos de Guatemala	Guatemala
Alejandro Maldonado	03/09/2015	14/01/2016	Universidad de San Carlos de Guatemala	Guatemala
Otto Pérez Molina	14/01/2012	03/09/2015	US Army School of the Americas	EUA
Álvaro Colom	14/01/2008	14/01/2012	Universidad de San Carlos de Guatemala	Guatemala
Óscar Berger	14/01/2004	14/01/2008	Rafael Landívar University	Guatemala
Alfonso Portillo	14/01/2000	14/01/2004	Autonomous University of Guerrero	Mexico
Álvaro Arzú	14/01/1996	14/01/2000	Rafael Landívar University	Guatemala
Ramiro de León Carpio	06/06/1993	14/01/1996	Universidad de San Carlos de Guatemala	Guatemala
Jorge Serrano	14/01/1991	01/06/1993	Stanford University	EUA
<i>Guiana (Presidencialismo)</i>				
David A. Granger	16/05/2015	-	Mons Officer Cadet School	Reino Unido
Donald Ramotar	03/12/2011	16/05/2015	University of Guyana	Guyana
Bharrat Jagdeo	11/08/1999	03/12/2011	Peoples' Friendship University of Russia	Russia
Janet Jagan	19/12/1997	11/08/1999	Northwestern University	EUA

Sam Hinds	06/03/1997	19/12/1997	University of New Brunswick	Canada
Cheddi Berret Jagan	09/01/1992	06/03/1997	Howard University	EUA
<i>Haiti (Semi-presidencialismo)</i>				
Jovenel Moïse	07/02/2017	-	Quisqueya University	Haiti
Jocelerme Privert	14/02/2016	07/02/2017	-	-
Michel Martelly	14/05/2011	07/02/2016	Miami-Dade Community College	EUA
René Préval	14/05/2006	14/05/2011	University of Leuve	Bélgica
Boniface Alexandre	29/02/2004	14/05/2006	-	-
Jean-Bertrand Aristide	07/02/2001	29/02/2004	Université d'État d'Haïti	Haiti
René Préval	07/02/1996	07/02/2001	University of Leuve	Bélgica
Jean-Bertrand Aristide	12/10/1994	07/02/1996	Université d'État d'Haïti	Haiti
Émile Jonassaint	15/06/1993	12/10/1994	-	-
Marc Louis Bazin	19/06/1992	15/06/1993	Solvay Institute	Bélgica
<i>Honduras (Presidencialismo)</i>				
Juan Orlando Hernández	27/01/2014	-	State University of New York	EUA
Porfirio Lobo Sosa	27/01/2010	27/01/2014	University of Miami	EUA
Roberto Micheletti	28/06/2009	27/01/2010	-	-
Manuel Zelaya	27/01/2006	28/06/2009	National Autonomous University of Honduras	Honduras
Ricardo Maduro	27/01/2002	27/01/2006	Lawrenceville School	EUA
Carlos Flores	27/01/1998	27/01/2002	Louisiana State University	EUA
Carlos Roberto Reina	27/01/1994	27/01/1998	Cambridge University	Reino Unido
Rafael Callejas	27/01/1990	27/01/1994	Mississippi State University	EUA
<i>Jamaica (Parlamentarismo)</i>				
Andrew Holness	03/03/2016	-	University of the West Indies	Jamaica
Portia Simpson-Miller	05/01/2012	03/03/2016	Union Institute & University	EUA
Andrew Holness	23/10/2011	05/01/2012	University of the West Indies	Jamaica
Bruce Golding	11/09/2007	23/10/2011	University of the West Indies	Jamaica
Portia Simpson-Miller	30/03/2005	11/09/2007	Union Institute & University	EUA
Percival Noel James Patterson	30/03/1992	30/03/2005	London School of Economics	Reino Unido
<i>México (Presidencialismo)</i>				
Enrique Peña Nieto	01/12/2012	30/11/2018	Panamerican University	Mexico
Felipe Calderón	01/12/2006	30/11/2012	Harvard University	EUA
Vicente Fox	01/12/2000	30/11/2006	Universidad Iberoamericana	Mexico
Ernesto Zedillo	01/12/1994	30/11/2000	Yale University	EUA
Carlos Salinas de Gortari	01/12/1988	30/11/1994	Harvard University	EUA
<i>Nicaragua (Presidencialismo)</i>				
Daniel Ortega	10/01/2007	-	Universidad Centroamericana	Nicaragua
Enrique Bolaños Geyer	10/01/2002	10/01/2007	Saint Louis University	EUA
José Arnoldo Alemán Lacayo	10/01/1997	10/01/2002	Universidad Nacional Autónoma de Nicaragua	Nicaragua
Violeta Chamorro	25/04/1990	10/01/1997	Blackstone College for Girls	EUA
<i>Panamá (Presidencialismo)</i>				
Juan Carlos Varela	01/07/2014	01/07/2019	Georgia Institute of Technology	EUA
Ricardo Martinelli	01/07/2009	01/07/2014	University of Arkansas, Fayetteville	EUA
Martín Torrijos	01/09/2004	01/07/2009	Texas A&M University	EUA

Mireya Moscoso	01/09/1999	01/09/2004	Miami Dade College	EUA
Ernesto Pérez-Balladares González-Revilla	01/09/1994	01/09/1999	University of Notre Dame	EUA
Guillermo Endara	20/12/1989	01/09/1994	New York University	EUA
<i>Paraguai (Presidencialismo)</i>				
Horacio Cartes	15/08/2013	15/08/2018	Spartan School of Aeronautics	EUA
Federico Franco	22/06/2012	15/08/2013	National University of Asunción	Paraguai
Fernando Lugo	15/08/2008	22/06/2012	Pontifical Gregorian University	Itália
Nicanor Duarte	15/08/2003	15/08/2008	Catholic University of Asuncion	Paraguai
Luis Ángel González Macchi	29/03/1999	15/08/2003	National University of Asunción	Paraguai
Raúl Cubas Grau	15/08/1998	29/03/1999	National University of Asunción	Paraguai
Juan Carlos Wasmosy	15/08/1993	15/08/1998	National University of Asunción	Paraguai
Andrés Rodríguez	03/02/1989	15/08/1993	Escuela Militar de Asunción	Paraguai
<i>Peru (Presidencialismo)</i>				
Pedro Pablo Kuczynski	28/07/2016	23/03/2018	Princeton University	EUA
Ollanta Humala	28/07/2011	28/07/2016	Chorrillos Military School	Peru
Alan García	28/07/2006	28/07/2011	Complutense University of Madrid	Espanha
Alejandro Toledo	28/07/2001	28/07/2006	University of San Francisco	EUA
Valentín Paniagua	22/11/2000	28/07/2001	National University of San Antonio Abad in Cuzco	Peru
Alberto Fujimori	28/07/1990	22/11/2000	University of Wisconsin	EUA
<i>São Cristóvão e Névis (Parlamentarismo)</i>				
Timothy Harris	18/02/2015	-	McGill University	Canada
Denzil Llewellyn Douglas	06/07/1995	18/02/2015	University of the West Indies at Cave Hill	Barbados
Kennedy Alphonse Simmonds	19/09/1983	06/07/1995	-	-
<i>Santa Lúcia (Parlamentarismo)</i>				
Allen Chastanet	07/06/2016	-	American University	EUA
Kenny Anthony	30/11/2011	07/06/2016	University of Birmingham	Reino Unido
Stephenson King	01/05/2007	30/11/2011	-	-
John Compton	11/12/2006	01/05/2007	University College Wales	Reino Unido
Kenny Anthony	24/05/1997	11/12/2006	University of Birmingham	Reino Unido
Vaughan Lewis	02/04/1996	24/05/1997	-	-
John Compton	03/05/1982	02/04/1996	University College Wales	Reino Unido
<i>São Vicente e Granadinas (Parlamentarismo)</i>				
Ralph Gonsalves	28/03/2001	-	University of Manchester	Reino Unido
Arnhim Ulric Eustace	27/10/2000	28/03/2001	Sir George William University	Canada
James Fitz-Allen Mitchell	30/07/1984	27/10/2000	University of British Columbia	Canada
<i>Suriname (Presidencialismo)</i>				
Dési Bouterse	12/08/2010	-	Koninklijke Militaire School	Bélgica
Ronald Venetiaan	12/08/2000	12/08/2010	Leiden University	Bélgica
Jules Wijdenbosch	15/09/1996	12/08/2000	University of Amsterdam	Países Baixos
Ronald Venetiaan	16/09/1991	15/09/1996	Leiden University	Bélgica
<i>Trinidad e Tobago (Parlamentarismo)</i>				
Keith Christopher Rowley	09/09/2015	-	University of the West Indies	Barbados
Kamla Persad-Bissessar	26/05/2010	09/09/2015	University of the West Indies	Barbados
Patrick Manning	24/12/2001	26/05/2010	University of the West Indies	Barbados

Basdeo Panday	09/11/1995	24/12/2001	University of London	Reino Unido
Patrick Manning	17/12/1991	09/11/1995	University of the West Indies	Barbados
<i>Uruguai (Presidencialismo)</i>				
Tabaré Vázquez	01/03/2015	-	Gustave Roussy Institute	France
José Mujica	01/03/2010	01/03/2015	-	-
Tabaré Vázquez	01/03/2005	01/03/2010	Gustave Roussy Institute	France
Jorge Batlle	01/03/2000	01/03/2005	University of the Republic	Uruguai
Julio María Sanguinetti	01/03/1995	01/03/2000	University of the Republic	Uruguai
Luis Alberto Lacalle	01/03/1990	01/03/1995	University of the Republic	Uruguai
<i>Venezuela (Presidencialismo)</i>				
Nicolás Maduro	05/03/2013	-	-	-
Hugo Chávez	02/02/1999	05/03/2013	Venezuelan Academy of Military Sciences	Venezuela
Rafael Caldera	02/02/1994	02/02/1999	Central University of Venezuela	Venezuela
Ramón José Velásquez	05/06/1993	02/02/1994	Central University of Venezuela	Venezuela
Carlos Andrés Pérez	02/02/1989	21/05/1993	Central University of Venezuela	Venezuela

Fonte: dados da pesquisa.